

1.INTRODUÇÃO¹

1.1 O posicionamento teórico da pesquisa

Nos últimos vinte anos, gênero tem sido visto como responsável por certos comportamentos, práticas ou ações lingüísticas em contextos sociais específicos. As pessoas falam de determinada maneira porque são homens ou mulheres e a fala reflete essa diferença (Tannen, 1990; Lakoff, 1975). Os modelos de dominação e diferença relativos às interações entre homens e mulheres vêm sendo criticados devido ao seu reducionismo e naturalização dos dois sexos, negligenciando as diferenças intra-gêneros (McIlvenny, 2002: 1). Entre outros aspectos, as feministas criticam o fato de os modelos não contemplarem todas as mulheres em sua categoria de mulheres, excluindo aquelas consideradas marginais e diferentes (McIlvenny, 2002:5).

Segundo McIlvenny (2002:2), com a mudança da visão essencialista para uma visão construcionista nos estudos de gênero e linguagem, os estudos passaram a tratar do gênero em sua manifestação cotidiana e nas práticas comunicativas. Gênero não é mais visto como algo que somos, mas como um efeito que produzimos a partir do que fazemos (Butler, 1990). Assim, é a partir desta mudança de paradigma que, nos anos 90, a preocupação com o discurso das lésbicas, gays, bissexuais e transexuais foi colocado em foco, uma vez que questionou-se pensar gênero como reflexo de uma condição biológica.

No modelo de dominação e diferença, a base para a distinção sexo x gênero é a distinção natureza x cultura, ou seja, sexo estaria para matéria-prima (natural) assim como gênero estaria para o fabricado (cultural). Entretanto, natural e natureza estão submetidos a um contexto cultural que os define. Portanto, não são pré-discursivos. Logo, o sexo relacionado à natureza também não é pré-discursivo. Se o sexo é tão fabricado quanto o gênero, então, um não está dando significado ao outro, não havendo necessidade de existirem em igual número, podendo haver várias expressões de gênero e apenas dois sexos (Butler, [1990]2003:65-66). Dessa forma, o modelo da dominação e diferença, pautado no binarismo sexo-gênero para tratar de linguagem e gênero, mostra-se inadequado e outras abordagens se fazem necessárias.

¹ Todas as traduções são de minha inteira responsabilidade.

Respondendo à necessidade de outras abordagens, a Teoria Queer surgiu, nos anos 90, desafiando as concepções tradicionais de linguagem e gênero. Segundo Seidman ([1996]1997), a Teoria Queer contesta a construção de uma identidade específica, inclusive a assunção de uma identidade homossexual, tratando homossexualidade e heterossexualidade não como *status* social e identitário, mas como categorias de conhecimento. Muda-se, assim, o foco de uma preocupação com a liberação do sujeito homossexual para uma análise das práticas institucionais e dos discursos que produzem conhecimento sexual e das formas com que organizam a vida social, com foco na maneira com que estes conhecimentos e práticas sociais reprimem as diferenças (Seidman, [1996]1997: 13).

Consonante com a proposta da Teoria Queer, Heilborn (1999: 40) coloca que a “cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros”. Na mesma linha de raciocínio de Heilborn, Loyola argumenta que “Na sociedade humana, o sexo constitui, ainda, um instrumento poderoso de criação de vínculos sociais e, ao mesmo tempo, uma constante ameaça às regras estabelecidas” (Loyola, 1999:34). Para a autora, temos que repensar as relações entre os sexos, a sexualidade e a reprodução biológica e social para podermos rever a estrutura das relações sociais que foi montada a partir desta relação. Ou seja, o foco deve estar no conhecimento dos mecanismos de relações sexo-gênero-prática sexual que promovem a construção dos binarismos e, conseqüentemente, a criação de categorias identitárias. Mas, se falamos de categorias de identidade, temos que pensar o que seria identidade.

Butler ([1990]2003:38) alega que a filosofia vê “identidade pessoal” centrada “nas características internas da pessoa, naquilo que estabeleceria sua continuidade ou auto-identidade no decorrer do tempo”, o que a leva a indagar: “em que medida as *práticas reguladoras* de formação e divisão de gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito, e, a rigor, o *status* auto-idêntico da pessoa? /.../ E como as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade?” (p.38) [grifos da autora]. Em outras palavras, é possível se falar em

identidade sem falar em gênero? E é possível falar em gênero sem falar de noções culturalmente inteligíveis de identidade?

Ainda segundo a autora, “sendo a ‘identidade’ assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de ‘pessoa’ se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é ‘incoerente’ ou ‘descontínuo’” (p.38). E se gêneros inteligíveis são aqueles em que o gênero decorre do sexo e que a “‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos é a manifestação do desejo através da prática sexual”, certos tipos de identidade não poderiam existir (p.39). Contudo, é fato que existem indivíduos que não vivem segundo essas normas de continuidade entre sexo-gênero-prática sexual, o que desvela que a noção de heterossexualidade e das identidades de gênero são construtos.

Se gêneros inteligíveis são “expressão” ou “efeitos”, então, são performances que produzem uma identidade que dizem expressar. Dessa forma, não há uma identidade pré-existente, não há masculinidade ou feminilidade verdadeiras e, portanto, outras performances podem existir (Butler, [1990]2003:201). Contudo, performance não deve ser entendida como uma encenação. Performance é um processo de repetição de normas, regular e restrito, que permite a constituição do sujeito, ou seja, não é um ato realizado por uma pessoa. É uma produção ritualizada (Butler, 1993:95).

Partindo da premissa de que não há uma identidade de gênero verdadeira, pré-existente, e que gênero é performance, investigo de que maneira as performances homoafetivas² são produzidas a partir dos posicionamentos e alinhamentos assumidos nas narrativas de histórias de vida dos sujeitos entrevistados.

Nas histórias de vida, o que o indivíduo é no presente altera a visão que tem de suas experiências passadas, o que o leva a revisar, mudar, abandonar significados antigos e adicionar novos a determinadas partes das histórias, logo, é um recurso de criação e manutenção do eu (Linde, 1993; Mishler, 2002). Tendo “como avaliação principal um ponto sobre o falante, não um ponto geral sobre como o mundo é” (Linde, 1993:21), ou seja, que tipo de pessoa o falante alega ser (p.81), as histórias de vida permitem que possamos perceber de que maneira o sujeito está se construindo. Ao mesmo tempo, ao se colocar como um determinado tipo de pessoa, o indivíduo molda o seu próprio eu e age

² O termo homoafetivo corresponde a homoerótico, a homossexual.

como esse eu representado na interação (Wortham, 2001:xi-xii). Assim, parece útil trabalhar com histórias de vida, posto que revelam as construções que os indivíduos fazem de si, através de posicionamentos e alinhamentos que assumem ao longo das narrativas.

Tratar de posicionamento e alinhamento requer que eu esclareça que distinção estou fazendo entre esses conceitos³. Goffman (1979), tratando de *footing*, estabelece que representa o alinhamento ou projeção pessoal do participante em relação ao outro, a si mesmo ou ao discurso em construção, ou seja, pode ser visto como eminentemente interacional. Segundo Davies e Harré (1990:48), posicionamento é o “processo discursivo através do qual os eus se colocam nas conversações como participantes subjetivamente coerentes, passíveis de observação, na produção conjunta de histórias”. Em artigo publicado anos mais tarde, Harré e Van Langenhove (1999:196) acrescentam que o posicionamento pode requerer atribuição de características pessoais que não são necessárias no alinhamento. Assim, posicionamento, além de tratar da relação com o outro no contexto interacional em nível micro, trata da relação do sujeito com o contexto social em nível macro e do sujeito com ele mesmo. Ou seja, estou considerando que o foco do alinhamento é a relação com o outro no momento da interação, em nível micro, enquanto que o foco no posicionamento pode estar na relação com o mundo social, em nível macro. Evidentemente, os níveis micro e o macro estão interligados, operando simultaneamente, contudo, ao distinguir os dois conceitos, estou buscando enfatizar os focos estabelecidos no momento da interação.

Como tratei a distinção de alinhamento e posicionamento em termos de sua relação com contextos micro e macro, faz-se necessário explicitar como vejo estes contextos. O que chamo de contexto em níveis micro e macro é baseado no que Knoblauch (2001:15) define como contexto imediato e como contexto social. Para o autor, o contexto imediato diz respeito ao momento da interação face-a-face, ao momento imediato da interação entre os participantes. O contexto social seria aquele relativo ao mundo social mais amplo, de ações simbólicas, ligado a coletividades, que transcende o alcance real ou potencial dos participantes da comunicação. Entretanto, como dito

anteriormente, os níveis operam simultaneamente na medida em que as micro experiências comunicativas representam, de alguma maneira, as macro realidades e estas se modificam através das micro experiências (Ellis, 1999:34). Em suma, se produzem e se reproduzem mutuamente.

Assim, conceitos sociais em nível macro podem ser entendidos e identificados em nível micro. No caso específico desta pesquisa, o conceito social de estigma é de suma importância, posto que a homoafetividade é vista como culpa de caráter individual (Goffman, 1963), estigmatizando os indivíduos que praticam sexo com pessoas de mesmo sexo. Segundo Goffman (1963), o estigma pode dificultar as relações do sujeito estigmatizado, na medida em que as pessoas com que se relaciona podem vê-lo apenas sob o prisma do estigma, deixando de perceber seus outros atributos, diferentes daquele marginalizado. Assim, os indivíduos que portam o estigma de culpa de caráter individual podem escolher se encobrirem, aumentando ainda mais a distância entre eles e os outros. Por outro lado, pessoas que portam estigmas possuem recursos para lidar com a sociedade. Segundo Shih (2004:176), as estratégias de resiliência se dão através de processos de compensação (maior persistência e assertividade, por exemplo), interpretações estratégicas de seu ambiente social (atribuição ao preconceito no caso de críticas negativas, por exemplo) e enfoque em múltiplas identidades (colocação do foco em identidades não estigmatizadas, de acordo com a interação em curso, por exemplo). Se consideramos que o conceito social de estigma interfere nas relações dos indivíduos que o portam, os pressupostos da Sociolinguística Interacional são úteis nesta pesquisa, pois trata “tanto dos processos interpretativos no nível local como dos processos interpretativos mais gerais, societários” (Gumperz, 2002: 32). Ou seja, na interação estão em jogo “o contexto de forma micro – captando mais especificamente as informações de natureza sócio-interacional que informam uma conversa” e o contexto “de forma macro – refletindo sobre a visão sócio-histórica e institucional que ancora o discurso” (Ribeiro e Pereira, [2002] 2004:2).

Essa investigação busca demonstrar como as performances homoafetivas são construídas, a partir do posicionamento e alinhamento assumidos nas narrativas de

³ A reflexão conduzida é a minha elaboração a partir das reflexões da Dra. Liliana Cabral Bastos e Sônia Rosas, coordenadora e colega, respectivamente, do grupo de estudos do qual faço parte, Narrativa,

histórias de vida de dois casais homoafetivos. Para esse fim, baseio-me nos pressupostos teóricos da Teoria Queer e dos Estudos Feministas (Butler, 1990,1993; Seidman, 1996), levando em consideração o conceito de estigma (Goffman, 1963; Shih, 2004), através da utilização das categorias teóricas de posicionamento (Davies e Harré, 1990; Harré e Van Langenhove, 1999; Moita Lopes, 2001) e de alinhamento (Goffman, 1979). A análise dos dados utiliza os instrumentos fornecidos pela Análise da Narrativa (Mishler, 2002; Linde, 1993; Bastos, 2005), apoiada nos pressupostos da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1982, 2002; Ribeiro e Pereira, [2002]2004; Pereira, 2002).

A abordagem desta pesquisa é interdisciplinar, contando com as contribuições da História (Fout, 1992; Berutti, 2000), da Antropologia (Heilborn, 1999; Parker, 1999), da Sociologia (Bourdieu, 1998; Adelman, 2000) e da Psicologia Social (Nunan, 2001), pois estas áreas de estudo contribuem sobremaneira para compreendermos o contexto de ordem social em que estão inseridas as narrativas e os sujeitos de pesquisa.

1.2 Escolha do termo homoafetividade

Nessa pesquisa senti necessidade de um termo que refletisse melhor as questões levantadas aqui. Costa (1992:21-22) já havia manifestado a inadequação dos termos homossexual/homossexualidade, posto que remetem a noções de doenças físicas ou psicológicas, e propôs os termos homoeróticos/homoerotismo. Além de evitar alusões a doenças, negaria a idéia de uma substância orgânica ou psíquica comum a todas as pessoas que fazem sexo com pessoas de mesmo sexo. Ainda que concorde com o fato de que deve-se evitar alusões a doenças ou substâncias orgânicas ou psíquicas, o termo por ele escolhido remete a um dos aspectos constituintes do preconceito contra gays: interesse e atividade sexual exacerbados, que os levariam a olhar para todos como possíveis objetos de desejo. Além disso, a palavra erotismo remete apenas ao desejo, subtraindo o aspecto afetivo das relações entre as pessoas.

Heilborn (2004:15/nota de rodapé) propõe homocorporalidade, contudo, esta palavra também acarreta problemas. Por um lado, assim como homoerotismo, o termo remete apenas à relação entre corpos, ficando o afeto sem espaço; por outro lado, ao

remeter a corpos, corre o risco de promover, nos termos de Costa (1992), uma substância orgânica ou psíquica comum a todos os gays.

Preferi, assim, adotar os termos homoafetivo e homoafetividade, pois abarcam a prática sexual e o afeto entre as pessoas, sem fazer quaisquer referências a doenças ou substâncias orgânicas ou psíquicas. Entretanto, quando estiver citando autores que tenham usado os termos homossexual e homossexualidade, ou quando estiver me referindo à categoria sócio-construída dos homossexuais, posso vir a usar os termos homossexual e homossexualidade.

1.3 Tema da pesquisa

Na pesquisa, procuro perceber como as performances homoafetivas se realizam no discurso dos entrevistados, a partir dos posicionamentos e dos alinhamentos assumidos nas histórias de vida narradas, partindo da noção de matriz cultural de inteligibilidade, que estabelece uma relação mimética entre sexo-gênero-prática sexual. Essa matriz cultural de inteligibilidade prevê apenas heterogêneros, ou seja, aqueles em que o gênero decorre do sexo, portanto, a prática sexual somente pode ser realizada entre indivíduos de sexos opostos. Busco, então, perceber como os indivíduos mantêm e deslocam a matriz a fim de construírem suas performances. O estudo, portanto, insere-se no âmbito da Teoria Queer e dos Estudos Feministas (Sedwick, 1990; Butler, 1990; Seidman, 1996), que discutem questões de gênero. Considerando-se que a matriz cultural de inteligibilidade não vê como inteligíveis performances homoafetivas, logo, consideram-nas marginais, outro aspecto do tema é a interferência do estigma (Goffman, 1963) na construção das performances dos indivíduos e como a estigmatização afeta a vida cotidiana dos entrevistados, sobretudo no que se refere às suas relações familiares e às suas posturas na vida pública.

1.4 Perguntas de pesquisa

A percepção da construção das categorias de sexo e de gênero, pautadas em uma matriz cultural de inteligibilidade (Butler, 1990, 1993), implicou na desconstrução da

visão essencialista, que postulava uma relação binária entre sexo e gênero, ou seja, que o fato de nascer com um determinado sexo implica em um determinado gênero (Tannen, 1990; Lakoff, 1975). Entretanto, o deslocamento de foco instaurado pela Teoria Queer e pelos Estudos Feministas nas investigações acerca de construção de performances de gênero ainda não foi totalmente explorado, sobretudo no que se refere à manipulação da matriz cultural de inteligibilidade nas construções de performances.

As indagações que nortearam essa investigação dizem respeito à mudança de visão na relação entre sexo, gênero e prática sexual, através da relação entre as interações situadas e a sociedade, percebidas nas narrativas dos sujeitos entrevistados.

Abaixo, coloco as perguntas que norteiam essa pesquisa.

Perguntas:

- 1) de que maneira se dá o rompimento das linhas causais entre sexo, gênero e prática sexual, como estabelece a matriz cultural de inteligibilidade?
- 2) de que maneira as performances homoafetivas podem ser vistas como próprias, não desvios de performances previstas pela matriz cultural de inteligibilidade?

1.5 Objetivos da pesquisa

O objetivo desta pesquisa é, sob o olhar da Teoria Queer e dos Estudos Feministas (Butler, 1990,1993; Seidman, 1996), estudar como os sujeitos entrevistados mantêm e deslocam a matriz cultural de inteligibilidade, a fim de construir suas performances homoafetivas. Um segundo ponto é buscar identificar os possíveis motivos que levam as pessoas a enxergá-las somente do ponto de vista do desvio, como masculinidades desviantes, sem atribuir características próprias.

Considerando-se que as performances homoafetivas são vistas como marginais, é necessário buscar entender a dimensão e a interferência do estigma (Goffman, 1963; Shih, 2004) nas performances dos sujeitos, ou seja, como estas performances e o estigma se articulam.

Para esses fins, procuro identificar os posicionamentos (Davies e Harré, 1990; Harré e Van Langenhove, 1999) e os alinhamentos (Goffman, 1979), construídos nas narrativas, que deslocam a matriz cultural de inteligibilidade, promovendo o rompimento da relação causal entre sexo, gênero e prática sexual.

É, ainda, considerando os posicionamentos e os alinhamentos que busco perceber a articulação do estigma (Goffman, 1963) com as performances homoafetivas.

A fim de perceber as performances homoafetivas, reveladas através dos posicionamentos e alinhamentos assumidos nas histórias de vida, bem como a interferência do estigma nas relações cotidianas dos entrevistados, utilizo os instrumentos fornecidos pela Análise da Narrativa (Mishler, 2002; Linde, 1993; Bastos, 2005).

A seguir, coloco os objetivos específicos dessa investigação, que possibilitam atingir os objetivos mais gerais aqui estabelecidos.

Objetivos específicos:

- 1) analisar como os sujeitos mantêm e deslocam a matriz cultural de inteligibilidade a fim de construírem suas performances homoafetivas, através da identificação dos posicionamentos e dos alinhamentos tomados para si e para os outros no ato de contar histórias de vida;
- 2) analisar em que consistem as performances homoafetivas, buscando perceber os motivos que as levam a serem vistas como desvios;
- 3) analisar a articulação entre estigma e performance homoafetiva;
- 4) analisar os recursos lingüísticos e paralingüísticos utilizados nas construções das performances.

1.6 Justificativa da pesquisa

A relevância desta investigação é tanto de ordem teórica quanto de ordem social.

Quanto à ordem teórica, estudar a construção de performances homoafetivas na perspectiva da Teoria Queer e dos Estudos Feministas (Butler, 1990; Seidman, 1996) é

relevante posto que inaugura um novo olhar nas análises sobre questões que envolvem sexo, gênero e prática sexual.

Justifica-se esta pesquisa, sobretudo, por desvelar a falácia da matriz cultural de inteligibilidade, que estabelece uma relação causal entre sexo, gênero e prática sexual. Percebemos, ao longo do trabalho, que sexo não implica em um gênero, tampouco este é expresso por uma prática sexual determinada.

Pensar gênero pela ótica da Teoria Queer e dos Estudos Feministas permite que questionemos as práticas institucionais e os discursos que produzem conhecimento sexual, ao invés de nos preocuparmos com a homoafetividade no âmbito da política de minorias, que acaba por reificar gays como diferentes, não normais. Entretanto, não implica em abandono de categorias, posto serem necessárias para a representação social. A questão é buscar uma representação própria, deslocada da visão binária, que estabelece a oposição homossexual x heterossexual. Assim, investigar a construção de performances homoafetivas pode promover novas formas de representação social.

Utilizar os instrumentos da Análise da Narrativa para levantar os posicionamentos e os alinhamentos assumidos nas narrativas de histórias de vida também é importante, pois revelam as relações entre as interações situadas, no nível micro, e as questões sociais mais amplas, no nível macro. Estudos feitos por Wood (1997: 258), com base em narrativas de sair do armário⁴ feitas por lésbicas, revelaram que a coda daquelas narrativas apontavam para o processo interminável de sair do armário e não para a completude da história, ou seja, o mundo social onde estavam inseridas ficou revelado pela forma como narravam.

Quanto à ordem social, estudar construção de identidades gays é relevante, pois, como argumenta McIntosh ([1968, 1996]1997: 35), o fato de os homossexuais serem vistos como desviantes revela mecanismos de controle social, tornando públicas as normas de comportamento. Consonante com McIntosh, Foucault ([1978]1988: 22) alega que os discursos sobre sexo no campo do poder têm relação com o crescimento populacional, as fontes de trabalho, de mão-de-obra, obrigando os governos a administrarem o sexo.

⁴ “Sair do armário” é uma expressão utilizada quando alguém revela a si próprio ou a outros que é gay.

Essas práticas governamentais de exclusão, contudo, por vezes têm que ser modificadas em virtude de situações de perigo. Quando, no início dos anos 80, a sociedade se viu ameaçada pela epidemia da Aids, diversas atividades formais foram fundadas com o objetivo de atender à comunidade gay, com homens assumidamente gays como líderes (Parker [1999]2002: 131). Ou seja, quando uma questão de saúde pública surgiu, as instituições tiveram que modificar sua abordagem com relação aos indivíduos homoafetivos, tornando-os visíveis e até mesmo parceiros no controle da doença.

Percebemos, assim, que mudanças na ordem social afetam de forma prática a vida dos gays. Se os indivíduos fazem parte da sociedade e, ao mesmo tempo em que a reproduzem, a produzem, o estudo das performances homoafetivas pode provocar alterações no campo social, afetando os mecanismos das relações de poder. Assim, investigar essas construções contribui para uma maior visibilidade, que pode vir a acarretar ganhos políticos.

Sendo uma pesquisa de natureza qualitativa e interpretativa, minha proposta é a de provocar reflexões que venham a contribuir para os estudos de gênero. Por outro lado, perceber a performance homoafetiva como própria, não um desvio, tira o caráter de anormalidade dos sujeitos que fazem sexo com pessoas de mesmo sexo, o que também pode vir a acarretar ganhos sociais e políticos.

Quanto à organização do trabalho, o capítulo 2 trata da construção sócio-histórica da homossexualidade. O capítulo 3 versa sobre o arcabouço teórico e metodológico que norteia esta pesquisa; no capítulo 4, analiso os dados coletados. No capítulo 5, faço considerações finais.